

O falso “Allan Kardec”, a FEB e a unificação sob Ismael

Sob o título de “INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL”, no livro “A Prece Segundo o Evangelho”, encontramos uma comunicação de um Espírito que se apresenta, no grupo Sayão, grupo roustainguista que tomou a FEB e desviou o Movimento Espírita Brasileiro, sob o nome de Allan Kardec. Analisemos essa comunicação, fazendo observações e proposições de perguntas que poderiam ter colocado esse Espírito mistificador em seu lugar:

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL

I — EXORTAÇÃO AO ESTUDO, À CARIDADE E À UNIFICAÇÃO

Paz e amor convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa doutrina de paz e de amor, de justiça e de esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoeis se porventura, na externalização dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.

O cumprimento do dever nos impõe usemos de linguagem franca, rude mesmo. Por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos, muitas vezes, com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro, corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas, falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos que tomei para com o nosso Criador e Pai!

*Sempre compassivo e bom, volvendo os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que abertamente fale da **revelação messiânica** a essa mesma Humanidade esquecida dAquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!*

A forma de falar de Jesus é inteiramente devocional, emocional, sem qualquer traço do cuidado terminológico kardeciano. Kardec distingue constantemente o Cristo-homem histórico da função de “modelo e guia”, analisa o ensino moral, evita esse tipo de pintura dramática e sentimental como argumento. Aqui, Jesus é usado como gatilho afetivo para legitimar o discurso que vem em seguida.

O Espiritismo NUNCA foi algo messiânico, posto que é uma ciência, construída pela metodologia sempre exposta por Kardec, com a colaboração de milhares de pessoas, espalhadas por toda parte. Messiânica era como ser vista a tarefa **misticista** de Jean-Baptiste Roustaing. Diz Kardec, em “O Espiritismo em sua mais simples expressão”:

“A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, **a terceira não a tem em indivíduo algum**. As duas primeiras foram individuais, **a terceira coletiva**; aí está um **caráter essencial de grande importância**. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma: ninguém, por conseqüência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos”. (Atos, 2:17 e 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação”.

Algumas perguntas que poderiam ter colocado esse Espírito em seu devido lugar:

1. **Onde Kardec classificou o Espiritismo como “revelação messiânica”?**
2. **Como conciliar “revelação messiânica” com a declaração explícita**

de Kardec de que a terceira revelação não tem missionário único e é coletiva?

- 3. De onde você extraiu autorização para alterar a natureza da revelação, se o controle universal exige concordância entre múltiplas fontes independentes?**
- 4. Você pretende substituir a revelação coletiva por uma revelação centralizada em você, Ismael ou Roustaing?**

Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho — precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da percepção humana para compreendê-lo em espírito.

Por toda a parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos — de acordo com o seu preparo moral e intelectual — missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa-Nova!

Todos foram chamados: a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia, que não quer a morte do pecador — nem o extermínio dos ingratos — e sim os deseja ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos.

*Sendo assim, a esse pedaço de terra, a que chamais Brasil, foi dada também a **Revelação da Revelação**, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.*

Aqui há uma referência direta e inequívoca aos Evangelhos de Roustaing, e não à ciência espírita: “*Os Espíritos do Senhor vêm trazer aos homens a nova revelação, a que podeis chamar, como já vos dissemos, “revelação da revelação”, e, por meio dela, clarear e desenvolver as inteligências, purificar os corações no crisol da ciência, da caridade e do amor.*” (Roustaing, OQE)

Há outro desvio doutrinário aqui: a ideia de uma **missão nacional privilegiada**

(“esse pedaço de terra... foi dada também a Revelação da Revelação”, encarnando “compromissos” especiais). Kardec admite que povos podem ter missões históricas, mas sempre com muita prudência, sem investir nenhum país com papel sagrado. O uso de “Revelação da Revelação” + Brasil é a matriz ideológica de todo o mito posteriormente reforçado em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. É um espiritualismo nacionalista que não tem base na metodologia kardeciana, mas é funcional para construir um centro de poder religioso no Brasil.

Perguntas para recolocar o Espírito em seu lugar:

1. **Mostre onde Kardec atribuiu a qualquer país uma missão religiosa exclusiva.**
2. **Se a revelação é universal, como pode ter “segunda camada” (“da revelação”) reservada a uma única nação?**
3. **Você está afirmando que o Brasil tem privilégio espiritual? Com base em qual lei universal?**
4. **Que comparação metódica (controle universal) valida essa sua afirmação? Quais médiuns independentes confirmam isso?**

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — Deus, Cristo e Caridade. Forte pela dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão dos pombos; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor — pudessem adorar o Pai em Espírito e Verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da Luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

A unidade, em Kardec, é **doutrinária e metodológica**, nunca **orgânica e institucional** sob um centro único. Ele recusa explicitamente a ideia de “papa

espírita” e de direção centralizada. O discurso aqui é outro: todos devem convergir para **um agrupamento único**, sob a bandeira de Ismael. É a proposta de unificação pela submissão a um polo “sagrado”, exatamente o caminho que Kardec rejeita:

“Vale mais, portanto, haver em uma cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, em que nenhum se arrogue a supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que a todos reunisse. Esse fracionamento em nada pode prejudicar a unidade dos princípios, desde que a bandeira é uma só e que todos se dirigem para um mesmo fim” - Kardec, VE

- 1. Por que você descreve a ação espiritual em termos de guerra maniqueísta, se Kardec explica essas influências de modo natural e racional?**
- 2. Em qual obra de Kardec há referência a uma união organizada dos “maus Espíritos pelo amor do mal”?**
- 3. Que finalidade doutrinária teria essa linguagem dramática, ausente do estilo sóbrio adotado por Kardec?**

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, à semelhança das sementes lançadas no pedregulho, elas não encontram terra boa para as suas raízes, e quando aquele anjo bom — aquele Enviado de Deus — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões, foram-se encravando na rocha, apesar de o orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação.

Ali, onde a humildade devera ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali, onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até junto do Cristo, a indiferença cavou sulcos, à justiça se chamou injustiça, à fraternidade — dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa-vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de

sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

*Assim, quando os inimigos da Luz — quando o **espírito das trevas** julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da **trindade divina**; quando a voz iníqua já reboava no Espaço, glorificando o **reino das trevas** e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse pequena tenda de combate com o nome — **Fraternidade!***

Uma linguagem fortemente misticista e até esotérica, coroada de ideias contrárias ao Espiritismo, com fortes concepções religiosas, contrárias àquilo que se mostra em O Céu e o Inferno (Editora Mundo Maior - edição não adulterada).

Aqui se monta uma narrativa típica de grupo sectário:

1. Há um **projeto divino** (bandeira de Ismael).
2. Ele “quase” fracassa por culpa dos homens.
3. Os “inimigos da Luz” se regozijam.
4. Deus/Ismael intervém e funda um novo “núcleo eleito” (a tal Fraternidade).

O efeito psicológico é claro: legitimar uma instituição concreta (grupo “Fraternidade”) como **único guardião fiel do plano divino**, o “resto fiel” cercado de trevas em torno. Isso é totalmente estranho ao modo como Kardec lida com sociedades e grupos: ele sempre relativiza, adverte contra a fascinação local, e submete qualquer grupo ao crivo do conjunto dos Espíritos e da razão, nunca o sacraliza.

Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que não recebiam a semente do pedregulho.

*Certos de que acaso é palavra sem sentido, e testemunhas dos fatos que determinaram o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agruparem — ouvir a **palavra sagrada** do bom Guia Ismael — **único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e único que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento.***

Diversas concepções contrárias ao Espiritismo. Não há palavra sagrada, no que tange aos Espíritos, não importa o nome pelo qual ele se apresente: há ideias e concepções que devem ser analisadas à luz da razão. Ismael é um Espírito mistificador – talvez o próprio, que escreve essa mensagem – e dos mais inteligentes (e, por isso mesmo, dos mais perigosos aos desavisados). Note a palavra “único” (que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento), que é tão absurdamente falsa, já que os Espíritos não agem sozinhos, muito menos aqueles que incitam a humanidade ao bem. Essa ideia é apenas mais uma forma de manter os crentes em sua palavra na fascinação obsessiva.

Do ponto de vista espírita kardeciano, esse parágrafo é um **sinal vermelho de fascinação**:

- “Palavra sagrada” de um Espírito;
- Esse Espírito é “único” diretor da propaganda e da marcha da doutrina numa região inteira.

Kardec insiste em que:

- **nenhum Espírito** deve ser aceito cegamente;
- a verdade resulta do **concurso de muitos Espíritos, médiuns e centros independentes**, confrontados pela razão;
- qualquer Espírito que se arrogue **privilégio, exclusividade, missão absoluta, autoridade incontestável** deve ser imediatamente posto em suspeita (isso está ligado às descrições de mistificação e fascinação em *O Livro dos Médiuns*).

Aqui o texto pede exatamente o contrário: renúncia crítica em favor da “palavra sagrada” de um “único guia”.

Perguntas que teriam recolocado o Espírito em seu devido lugar:

1. **Por que você solicita submissão a um agrupamento específico, se Kardec afirma que as sociedades espíritas são livres e autônomas?**
2. **Que fundamento da Codificação permite transformar uma**

sociedade particular em eixo obrigatório da Doutrina?

3. Como justificar uma centralização institucional, se Kardec rejeita qualquer forma de supremacia orgânica?

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra — Fraternidade!

Não é um termo, é um fato; não é uma palavra vazia, é um sentimento, sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua extraordinária grandeza!

*Ismael tem o seu Templo, e sobre ele a sua bandeira — Deus, Cristo e Caridade!
Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram por verdadeira: e chama-se Fraternidade!*

Mais um ponto anti-espírita (no sentido kardeciano):

1. Não existe, em Kardec, a ideia de **“Templo de um Espírito”**. Os “templos” que ele admite são, no máximo, os da consciência e da prática moral. A instituição espírita, para ele, é **escola, laboratório, grupo de estudo**, não santuário consagrado a um Guia.
2. A tríade “Deus, Cristo e Caridade” em bandeira de templo lembra lema confessional, não conceito doutrinário. Em Kardec, caridade é consequência natural da compreensão da lei de justiça, amor e caridade; aqui vira um slogan de bandeira de seita.

Pergunto-vos: Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse Templo cujo lema é: Deus, Cristo e Caridade?

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto para convosco naquilo que vou dizer: o vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a Doutrina — mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a

doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que, encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará com todo o peso da sua iniquidade.

Chega a ser cômico, tamanho o nível de hipocrisia desse Espírito. Se essas palavras fossem aplicadas a todos esses que não estudam a Doutrina Espírita onde ela realmente existe - nas obras de Kardec - elas seriam absolutamente justas... Mas esse Espírito conhece bem o terreno onde pisa, o que faz com que a ideia central seja convertida no sentido contrário, enquanto ele fala de si mesmo.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota, porquanto — vede bem —, o que não podeis fazer com o Evangelho: unir-vos pelo amor do bem, fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!

*Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — **Revelação da Revelação** — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!*

Nova referência **ridícula** à obra de Roustaing. O padrão aqui é de **vitimização milenarista**: a doutrina (na verdade, a leitura roustainguista sob Ismael) é “Revelação da Revelação” perseguida por “inimigos da Luz” que se unem “pelo amor do mal”. Esse tipo de dicotomia maniqueísta é estranho a Kardec, que tem uma visão bem mais graduada dos Espíritos e dos homens. Ele não fala de “inimigos do Espiritismo” organizados numa frente única maligna; fala de ignorância, interesses, más influências, mas sempre recomendando calma, paciência, discernimento — nunca esse clima de guerra cósmica em torno de um templo específico.

A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos em face da Doutrina, no estado

precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elemento contam eles, os vossos Espíritos, na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidade?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos; em que canto da Terra construístes a grande muralha contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que, à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tenhais perdido? Que conteis com as outras, que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas, se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundo de todos os dias, dos vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídos pela traça — tocados pelo bolor os vossos arquivos repletos de comunicações?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se, tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas, onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já, desse modo, um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será porque convenha à propaganda que fazeis?

Aqui, ele está apenas preparando o caminho, com ideias torpes, para, logo mais, vir com a solução para a “divisão”.

Mas, para a propaganda, precisamos dos elementos construtivos dela. Pergunto: — onde a escola dos médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa-vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir da outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheios dessa seriedade, que dá uma idéia da grandeza da nossa Doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão-somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades individuais e coletivas se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que atinge profundamente o meu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas, eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance!

Se completa não está a minha missão na Terra; se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a doutrina que aí me foi revelada, dando-vos novos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências; se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, sem produzirdes um trabalho à altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude de amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da Ciência e da Religião, mas também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estreito limite da boa-vontade e da propaganda, sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de Jesus-Cristo quando disse que — a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então, sim; distribuí a luz, ela vos pertence!

A frase diz, na prática:

- Você só tem “luz” legítima se se **disciplinar dentro do Templo de Ismael**.
- Fora dele, seu trabalho “causa embriaguez à vista”, dá frutos “amargos”, etc.

É um mecanismo de **controle**: desloca-se o critério de autenticidade da doutrina (razão, universalidade, método) para o critério de **pertencer ao templo “certo”**. Isso é a negação do princípio da universalidade da revelação espírita.

E vos pertence, porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço, uma brilhante conquista do vosso Espírito — empenhado nas lutas sublimes da Verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que muitos são os que gostosamente se entregam ao culto do maravilhoso; nunca, porém, deixarão as impressões suaves da Verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.

Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito — a destruição, pela base, do vosso Templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos espíritos um broquel, quem

vos poderá socorrer, uma vez que a Revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos, que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Kardec realmente fala da transição da Terra de mundo de expiação para mundo de regeneração e da migração de Espíritos refratários para mundos menos adiantados. Mas:

1. Ele evita **todo tom apocalíptico** de “revolução planetária iminente” para assustar.
2. Ele não **amarra** esse processo a nenhum “templo”, nem a um “movimento” dirigido por um Espírito particular.
3. Ele insiste em que tudo se faz por leis gerais, sem milagre, sem privilégio, sem clero.

Aqui, a mesma ideia geral (transição, migração) é apropriada como **recurso retórico de urgência** a serviço do templo de Ismael: se você não se alinhar com a Fraternidade, com esse “trabalho extraordinário”, corre risco de estar entre os “transmigrados”.

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se, à lâmpada do vosso Espírito, faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada do Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso Rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que, últimos, virão a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

A parábola evangélica é usada de modo **exclusivista e invertido**: quem não entrar na “tenda” perde o lugar; os “coxos e estropiados” (os de fora) é que o ocuparão. O subtexto é: **não percam o privilégio** de estar no grupo “certo” (Fraternidade sob Ismael). Em Kardec, a mesma parábola serve para mostrar que os “primeiros” (privilegiados, instruídos, ortodoxos) podem ser os últimos, mas sempre num sentido moral, nunca institucional (“entrar no templo de tal guia”).

Esses pontos do Evangelho de Jesus-Cristo, apesar da Revelação, ainda não provocaram a vossa meditação?

Esse eco que reboia por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — Os tempos são chegados! — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens sob o aspecto de homens cheios de ambições, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar, no reino de Deus, coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!

Isso equivaleria não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis crer; seria zombar do vosso Criador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!

Meus amigos! Sem caridade não há salvação — sem fraternidade não pode haver união.

*Uni-vos, pois, pela fraternidade, **debaixo das vistas do bom Ismael**, vosso Guia e Protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, àqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar*

em vós o indivíduo bem-intencionado e verdadeiramente cristão.

A frase condensa o núcleo ideológico do texto:

1. A união não é apenas em torno de princípios (como Kardec propõe), mas **“debaixo das vistas”** de um Guia, com G maiúsculo.
2. Esse Guia é “vosso”, nacional/regional.
3. A figura do **“Protetor”** é centralizada e personalista.

Kardec aceita a ideia de Espíritos protetores individuais e coletivos, mas **nunca** os transforma em **autoridade normativa** sobre a doutrina. A proteção é íntima, moral, silenciosa; não se traduz em revelações exclusivas, bandeiras, templos com nome do Espírito, nem em monopólio de direção.

Perguntas:

1. **Por que você coloca um Espírito — Ismael — acima da metodologia da Codificação, se Kardec nunca atribuiu autoridade diretora a um Espírito isolado?**
2. **Que justificativa doutrinária legitima subordinação espiritual a um Espírito específico?**
3. **Se Kardec defende independência crítica, como explicar essa ordem de submissão?**

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi — se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliárias e a expansão dos fluidos — ai tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos — virei, em novos termos, se preciso for, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da Doutrina — é o maior escolho lançado no vosso caminho — é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante — será,

finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério exigível de quantos se empenham numa tão grande causa.

Fechamento típico de Espírito que se propõe como **oráculo permanente**. Em termos de crítica espírita:

- Cria-se dependência psicológica do médium/grupo em relação a esse comunicante.
- Desestimula-se o **controle universal** (confrontar comunicações, procurar outras fontes independentes) porque “ele” está sempre disponível para esclarecer.

No método kardeciano, um Espírito sério:

- estimula a dúvida metódica;
- convida ao exame racional e à comparação;
- evita se colocar como fonte única de esclarecimento.

Aqui ocorre o oposto.

Permita Deus que os espíritas a quem falo, que os homens a quem foi dada a graça de conhecer em espírito e verdade a Doutrina do Cristo, tenham a boa-vontade de me compreender — a boa-vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.

Allan Kardec

O texto inteiro desloca o Espiritismo de **ciência filosófico-moral de revelação coletiva** para um **sistema religioso messiânico** centrado em:

- um Guia nacional nomeado (Ismael),
- um templo/bandeira/lema específicos,
- um grupo institucional (“Fraternidade”) apresentado como núcleo eleito.

Vários trechos configuram exatamente aquilo que Kardec descreve como sinais de

mistificação e fascinação: Espírito que se declara único, que reclama obediência, que sacraliza a própria palavra, que se coloca no centro da revelação numa região do planeta.

Pontos parcialmente verdadeiros (necessidade de estudo, disciplina, seriedade mediúnic, perigo da dispersão) são usados como **gancho** para legitimar a solução sectária: a centralização sob Ismael e sob a “Fraternidade”.

A retórica é fortemente religiosa, emocional, com traços milenaristas, em contraste com o estilo racional, analítico e metódico de Kardec. Mesmo quando toca temas caros ao Espiritismo (transição planetária, migração de Espíritos, importância do Evangelho), o faz dentro de um molde **confessional**, não **científico-filosófico**.

O Livro em questão - A Prece Segundo o Evangelho, atribuído ao Espírito de Allan Kardec - termina assim:

A Casa de Ismael

*A Federação Espírita Brasileira é uma sociedade civil **religiosa**, educacional, cultural e filantrópica, dotada de personalidade jurídica e reconhecida como de Utilidade Pública Federal, Estadual (RJ) e no Distrito Federal (DF), conforme os seguintes decretos: nº 47.695/1960, nº 4.765/1934 e nº 7.399/1983, respectivamente.*

Tem por objeto e fins:

- o estudo teórico e prático do Espiritismo;*
- a observância e a difusão de seus ensinamentos;*
- a prática da caridade espiritual, moral e material;*
- e, por fim, a integração das Sociedades Espíritas do Brasil em seu organismo.*

Compete ao seu Conselho Federativo Nacional desenvolver, ampliar e coordenar os planos da Organização Federativa, visando alcançar completa harmonia de pensamento, bem como unidade de programa e de ação.

A Federação [que não é] Espírita Brasileira, de maneira incrivelmente hipócrita, ainda hoje ostenta, com orgulho, o título de “Casa de Ismael”. Realmente, esse Espírito mistificador fez casa nesse “Vaticano” do Movimento [que não é] Espírita Brasileiro. Declara-se como sociedade civil religiosa, provocando desvio de

finalidade do Espiritismo e, com muita hipocrisia, diz observar a difusão de seus ensinamentos, enquanto, na prática, passou os últimos **130 anos** contrariando-os paulatinamente. O motivo do presente artigo, aliás, se deu por conta da publicação recente de um vídeo na conta da FEB Editora, divulgando a falsa ideia de que essa comunicação acima analisada seria de Kardec, incitando à unificação, projeto perseguido pelo Vaticano Espiritualista Brasileiro (vulgo FEB) desde 1890, aproximadamente (como já demonstramos no [artigo sobre os desvios da FEB](#)).

Cabe a **todos** os Espíritas verdadeiros defenderem a verdade sobre o Espiritismo e demonstrarem a **todos** esses desvios - a tentativa de substituir o Consolador Prometido por uma versão religiosa, dogmática, ridícula e antidoutrinária!

O Espiritismo é obra de Jesus

Há tempos vinha aguardando essa obra, sem saber ao certo o que esperar. Ante a notícia de que os autores voltaram a Espíritos como André Luiz e Emmanuel, muitos se contorceram internamente e previamente julgaram a obra que ainda não conheciam.

PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO
E OUTROS AUTORES

O ESPIRITISMO É OBRA DE JESUS



Tendo terminado de lê-la — tarefa que, honestamente, terei que voltar a fazer,

com ainda mais atenção — preciso dizer que ela só pode refletir a elevação do título que leva. Longe de ser uma afronta à razão, é produto de inteligência e inspiração. Resgata a metodologia espírita, demonstra o verdadeiro papel de Kardec, hoje esquecido e desvalorizado pelos próprios espíritas, e torna-se ponte para esse Movimento Espírita ora instalado, para a retomada do verdadeiro Espiritismo. Sem ferir suscetibilidades, a obra demonstra, de maneira excelente, que não estivemos abandonados e que, voltando a Kardec, facilmente separaremos, com firmeza, o que é aproveitável do que não é — como os próprios autores o fizeram. **Longe de render perseguição ou criticismo, creio que devemos estimular a leitura dessa obra, respeitando o tempo e a liberdade de cada um que a ler.** Novamente: creio que ela deve ser vista como ponte segura para a terra firme da verdade doutrinária.

Não consigo ir muito além disso, pois penso que a importância da obra requer a leitura dedicada de todos que se importem com a temática espírita. O título da obra e o fato da demonstração que há, sim, em André Luiz e Emmanuel, muito o que se aproveitar, há de chamar a atenção de muitos. A obra também traz muitos ensinamentos e muita reflexão, chegando a ser, ao menos para mim, intensamente emocionante.

Termino agradecendo ao esforço e ao empenho, cujo pagamento inexistente, senão o da felicidade de fazer o bem, a Paulo Henrique de Figueiredo e todos os demais envolvidos nesse trabalho. Graças a Deus, os tempos do restabelecimento são chegados, onde cada um de nós poderá encontrar grata compensação na tarefa da recolocação dos tijolos do edifício que vem sendo construído **há mais de dois mil anos**, por Espíritos consagrados ao bem. Graças a Deus!

Caso você queira comprar pelo link seguinte, apoiará também o nosso esforço:
<https://amzn.to/49QFaxs>

Ciência além do Empirismo:

Modelos, Critérios e o Caso do Espiritismo

O Espiritismo, codificado por Allan Kardec no século XIX, desafia a visão tradicional da ciência ao propor uma investigação rigorosa de fenômenos espirituais. Neste artigo, exploramos como os métodos de Kardec se alinham com modelos contemporâneos de ciência, como o empirismo e o método hipotético-dedutivo. Através de uma análise comparativa, discutimos as compatibilidades e limites do Espiritismo em relação à ciência moderna, revelando que a verdadeira divergência reside nas premissas ontológicas. Venha descobrir como o Espiritismo pode ser visto como um programa de pesquisa inovador e suas implicações para o entendimento da realidade espiritual.

Análise Crítica do Artigo “A Evolução do Espírito”: Erros Conceituais, Falhas Metodológicas e Distorções sobre Allan Kardec e o Espiritismo

Introdução

O [artigo de Heron Volpi](#) (“A EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO: O “Evolucionismo” de Allan Kardec”) assume desde o início que o Espiritismo é “uma religião” sujeita às mesmas críticas que outras crenças tradicionais. Essa premissa ignora a definição kardecista original do Espiritismo como **doutrina de tríplice aspecto** - ciência, filosofia e moral - e já põe em xeque sua argumentação. Volpi sustenta que Allan

Kardec foi “reiteradamente racista” e que incorporou o *evolucionismo racial* para agradar à ciência do século XIX. A partir desses pontos, desenvolveremos uma análise crítica estruturada, apontando erros conceituais, falhas metodológicas e contradições nas alegações de Volpi. Usaremos **apenas obras de Kardec** para confrontar as acusações de racismo, mostrando que seus ensinamentos enfatizam igualdade, fraternidade e condenam o preconceito e a escravidão.

Espiritismo como Ciência e Moral (não mera religião)

Premissa equivocada do autor. Volpi define repetidamente o Espiritismo como “religião espírita” e argumenta que ele “aparece muito mais baseado no discurso do que na ciência empírica”. Essa visão despreza declarações de Kardec de que o Espiritismo é **novo campo do conhecimento**. Nas obras fundadoras, Kardec apresenta o Espiritismo como **ciência de observação e doutrina filosófica**, com implicações morais próprias:

- “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações.”.
- Kardec reafirma: “O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens [...] a existência e a natureza do mundo espiritual”.

Doutrina moral universalista. Além da ciência, Kardec sublinha o caráter **moral e ecumênico** do Espiritismo:

- “O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. Ele é de todas, e não é de nenhuma em particular. [...] Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira”.

Esses textos deixam claro que Kardec não via o Espiritismo como uma religião dogmática, mas como um caminho complementar à fé cristã, reforçando a caridade e a liberdade de culto. Portanto, classificar o Espiritismo **“como

qualquer outra religião”** constitui um erro conceitual: o autor desconsidera o tríplice aspecto definidor da Doutrina Espírita e ignora as frequentes afirmações kardecistas de que ela se justifica pela razão e pela experiência, não por imposição de fé.

Falhas metodológicas e uso inconsistente de fontes

O artigo de Volpi se apresenta mais como reflexão pessoal do que pesquisa acadêmica rigorosa. O próprio autor admite ter escrito em **primeira pessoa**, baseando-se em vivências próprias em centros espíritas:

- “Para começar devo esclarecer que eu, pessoalmente, tenho circulação por diversos centros espíritas do Brasil [...] escrevo esse texto tentando compreender os espaços, os quais eu mesmo faço parte”.

Essa abordagem indica forte **subjetividade**. Não há metodologia sistemática: ele confessa que sua “pesquisa de fôlego curto” reúne relatos pessoais e falas soltas. Ao mesmo tempo, mistura fontes de natureza variada (blogs, reportagens como as de Chico Alves e CartaCapital, entrevista de UOL) sem critério histórico claro. Não encontramos citações diretas a documentos históricos ou a estudos acadêmicos confiáveis que embasem suas conclusões. Em síntese, **falta-lhe rigor científico**: ele inicia o artigo como etnógrafo amador e transforma-o num ensaio de opinião. Esse procedimento frágil revela-se no próprio texto final: ele reconhece que, por não ser pesquisa longa, deve “ter cuidado com asserções generalistas” - o que, porém, não evita afirmações amplas e contestáveis.

Erros conceituais centrais

- **Visão eurocêntrica e evolucionista mal fundamentada.** Volpi insiste que Kardec “alocou o evolucionismo racial em seu discurso” e tratou o Espiritismo como “para um lugar paratópico” de crença baseada no discurso. Essa interpretação ignora que, nas obras espíritas, idéias de “evolução” referem-se ao progresso moral geral, não a uma hierarquia fixa de raças. Kardec discute como o homem original apareceu em vários

pontos do globo, mas enfatiza que tais “variedades não formam espécies diferentes: *todos são da mesma família*”. Para ele, as diferenças físicas (cor da pele etc.) resultam de fatores naturais (clima, costumes) e não implicam mérito espiritual. Assim, a noção de *espécie humana* única embasa toda a codificação (cf. perguntas 53 e 54 de *LE*): “Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim”. Esses princípios contrariam frontalmente a ideia de “raças superiores” permanentes.

- **Desconsideração do foco moral do Espiritismo.** Kardec faz questão de que o intuito principal da Doutrina é moralizar, não classificar ou excluir pessoas. O ensino do “Não faças aos outros o que não queres para ti” está presente no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* como máxima reguladora da conduta humana. Além disso, ele afirma que o Espiritismo visa “**incutir nos homens o espírito de caridade e de fraternidade**” e assim apagar os resquícios de barbárie social. Esses posicionamentos indicam uma orientação profundamente igualitária, oposta à discriminação. Desse modo, retratar o Espiritismo “como qualquer outra religião” baseada em discurso vazio é um exagero infundado: a doutrina espírita reivindica coerência entre pensamento, experiência e moral, não se limitando à retórica apologética.

Alegações de racismo: teses do autor versus contexto kardecista

Volpi afirma que em “diversas vezes” Kardec foi racista e que seu Espiritismo teria discursos racistas enraizados no *evolucionismo* das ciências do século XIX. De fato, em 1862 Kardec publicou na *Revista Espírita* o artigo “*Frenologia espírita e perfectibilidade da raça negra*”, no qual, reflexo das crenças de sua época, diz que “os negros são, sem dúvida, de uma raça inferior... são verdadeiras crianças”. Porém, esse texto, que reflete a ciência da época, foi separado de seu corpus principal e não reflete o ensino axiológico do Espiritismo. Ao contrário, as principais obras codificadas por Kardec contêm **mensagens claras de igualdade**:

- **Igualdade diante das leis divinas:** A resposta espírita à pergunta

“Todos os seres humanos são iguais perante Deus?” é enfática: “Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos”. Em outras palavras, Deus não criou ninguém com privilégios “naturais”, pois * “o corpo do rico se destrói como o do pobre” *. Essa resposta (LE 803) destrói a ideia de qualquer desigualdade essencial.

- **Hermanidade universal:** Kardec questiona se, não tendo todos os homens surgido de um mesmo “adão”, deveríamos deixar de ser irmãos. A resposta foi: * “Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim” *. Essa afirmação (LE 54) conclui que aparências distintas não quebram os laços fraternos: do ponto de vista moral, a humanidade é uma única família.
- **Condenação da escravidão:** O codificador espírita analisa a escravidão em vários itens (LE 829-832). Ele conclui que **“É contrária à natureza a lei humana que consagra a escravidão”** e que ela desaparecerá com o progresso moral. Critica quem se beneficia dessa prática: * “Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza” *. Ou seja, Kardec considerava moralmente reprovável escravizar o semelhante, mais ainda quando a própria lei da época já começava a ver a liberdade como inalienável.
- **Rejeição da hierarquia racial:** Kardec ironiza a noção de “sangue mais puro” no contexto da escravidão: * “Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada veem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito.” *. Aqui ele deixa explícito que a única “pureza” relevante é espiritual, não biológica. Essa afirmação refuta diretamente a ideia de que a cor da pele constitua critério moral ou evolutivo legítimo.
- **Respostas espíritas sobre origem humana:** Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec transcreve perguntas às Entidades Superiores sobre a diversidade humana. As respostas atribuem as diferenças de aspecto aos fatores naturais (“clima, vida e costumes”) e afirmam que elas não formam espécies distintas. Os Espíritos confirmam que o homem apareceu em vários lugares e épocas, mas sem significar raças separadas. Isso reforça que, para o pensamento espírita, a multiplicidade de grupos étnicos é só aparência transitória – jamais justificativa de preconceito.

Esses ensinamentos centrais das obras de Kardec são **incoerentes com as**

acusações de racismo que Volpi lhe imputa. Mesmo reconhecendo que Kardec refletiu conceitos científicos questionáveis do século XIX (como a frenologia), deve-se sublinhar que sua doutrina oficial exalta a fraternidade universal. Em diversas ocasiões, ele rejeita o preconceito: além dos exemplos citados acima, Kardec afirma repetidamente a máxima evangélica do amor ao próximo. Não encontramos em seus livros qualquer passagem que justifique discriminar alguém por raça ou cor. Pelo contrário, “*a unidade da raça humana*” é um princípio espírita explícito (LE 54).

Conclusão: análise crítica e suporte acadêmico

Em suma, o artigo de Volpi apresenta graves falhas conceituais e metodológicas. Desconsidera a definição kardecista de Espiritismo como sistema científico-filosófico-moral e restringe-o à categoria de “religião”, ignorando que Kardec visava unificar ciência e fé, não contrariá-las. Sua argumentação sobre racismo em Kardec baseia-se em interpretações pessoais e textos pontuais, mas esbarra em declarações claras de Kardec a favor da **igualdade entre os seres humanos**, na condenação da escravidão e no incentivo à fraternidade universal.

Não há respaldo acadêmico significativo para as teses do autor. Em vez de pesquisas históricas ou análises críticas rigorosas, Volpi utiliza relatos não verificáveis, falas secundárias e reportagens jornalísticas recentes. Seus próprios critérios — circulação pessoal em centros espíritas e relatos subjetivos — não constituem evidência científica. Até o momento, nenhum estudo acadêmico sério confirma as alegações centrais do artigo. Ao contrário, as críticas a Kardec surgem mais em debates midiáticos e iniciativas editoriais antirracistas do que em investigações historiográficas. Portanto, as conclusões de Volpi têm muito mais o caráter de impressão pessoal do que de resultado de estudo acadêmico, o que fragiliza sua credibilidade como análise histórica do Espiritismo.

Referências: Citações extraídas das obras de Allan Kardec e de trecho do artigo de Heron Volpi conforme indicado. Nossa argumentação apoia-se nas respostas dos Espíritos codificadas por Kardec - sobretudo *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Médiuns* - que enfatizam a igualdade espiritual e condenam toda forma de opressão. Essas fontes refutam diretamente as interpretações equivocadas do autor.

1. O Ponto de Partida: Kardec e a Metodologia Espírita

É fundamental compreender que Kardec **não criou o Espiritismo**, mas organizou suas manifestações em um corpo doutrinário coerente mediante **método científico**. Esse método baseava-se em:

- **Evocação direta dos Espíritos**, para testar a consistência das informações (cf. *O Livro dos Médiuns*, itens 230, 247, 266).
- **Comparação crítica de mensagens** recebidas em diversos lugares e por médiuns diferentes (*Revista Espírita*, artigos sobre exame e controle).
- **Submissão de todo ensinamento ao crivo da razão** (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, introdução, item VI).
- **Distinção entre opinião de Espíritos e princípios da Doutrina** (RE, novembro/1859: “Devemos publicar tudo quanto dizem os Espíritos?”).

O que Kardec deixou foi **um método, não um dogma**. O Espiritismo, sendo fato da natureza, só se legitima quando submetido ao critério racional e científico. O abandono dessa diretriz abriu caminho para a aceitação indiscriminada de comunicações mediúnicas.

2. A Ruptura: Do Controle ao Culto

O diagrama marca essa ruptura com o símbolo do **X sobre a obra de Kardec**. Ao invés de seguir o método do exame crítico, parte significativa do movimento espírita passou a:

- Aceitar comunicações sem comparação ou controle.
- Tomar como “revelação superior” mensagens que, por Kardec, seriam apenas **opiniões particulares de Espíritos**.

- **Relativizar ou desprezar a evocação**, transformando-a em algo “proibido” ou “perigoso”, em oposição direta à prática kardeciana.

Essa ruptura abriu espaço para um fenômeno perigoso: a **aceitação cega da comunicação dos Espíritos**, que se tornou o novo eixo do movimento.

3. As Consequências da Aceitação Cega

O diagrama evidencia diversos desdobramentos dessa postura acrítica:

3.1 Emmanuel

Apresentado como guia de Chico Xavier, Emmanuel introduziu noções que confrontam diretamente a Doutrina Espírita:

- Declaração de que o **Espiritismo seria uma religião** (Kardec definiu-o como ciência de observação e filosofia de consequências morais).
- **Proibição da evocação**, em contradição frontal com *O Livro dos Médiuns*.
- Ideia de **almas gêmeas**, rejeitada por Kardec.
- **Domínio sobre Chico**, impondo condicionamentos e ameaças morais, o que fere a liberdade de consciência.

3.2 André Luiz

A série de livros psicografados por Chico Xavier, atribuídos a André Luiz, criou representações como:

- **Colônias espirituais** (Nosso Lar).
- **Umbral** como região intermediária.

Esses conceitos **materializam o mundo espiritual**, estimulando apego a construções espaciais e institucionais, quando Kardec deixou claro que o Espiritismo aponta para a **desmaterialização progressiva da**

existência espiritual.

3.3 Ramatis

Introduz comunicações recheadas de teorias esotéricas, misticismo e previsões catastrofistas, sem correspondência com o método kardeciano. Sua aceitação deriva da mesma lógica: qualquer Espírito comunicante seria fonte de verdade.

3.4 Vale dos Suicidas

Obras como *Memórias de um Suicida* reforçam a noção de “lugares fixos” no além, de caráter punitivo ou reformatório, em contradição com a ideia de que **o estado espiritual é reflexo íntimo da consciência, não de geografias metafísicas.**

3.5 Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho

Obra atribuída a Humberto de Campos (sob inspiração de Emmanuel), que apresenta o Brasil como nação predestinada espiritualmente. Essa concepção reforça um **nacionalismo místico**, estranho à universalidade do Espiritismo.

4. O Papel do ESDE

O **Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE)**, embora estruturado com boas intenções pedagógicas, reflete a consolidação dessa ruptura. Ao adotar como base não apenas Kardec, mas também obras mediúnicas pós-Kardec (Emmanuel, André Luiz, etc.), o ESDE institucionaliza o afastamento do critério crítico e instala o **ecletismo acrítico**.

Resultado: as novas gerações de espíritas passaram a considerar como “doutrina espírita” aquilo que é apenas opinião de Espíritos, reproduzindo a **aceitação cega**.

5. Problemas Doutrinários Decorrentes

O diagrama lista os efeitos concretos desse desvio:

- **Materialização do mundo espiritual:** concepção de colônias, cidades, hospitais, prisões — reflexo de projeções humanas.
- **Promoção do apego a ideias materiais,** quando o Espiritismo tem por missão justamente **libertar da materialidade.**
- **Falsa ideia de destinos geográficos do Espírito** (lugares bons ou ruins), substituindo a compreensão de que o “céu” ou “inferno” são estados da alma.

6. A Substituição da Crítica pelo Dogma

O diagrama mostra, em última instância, como o movimento espírita passou:

- Do **exame crítico** (Kardec, 1857-1869),
- Para a **aceitação cega** (pós-Kardec, especialmente no Brasil).

Esse processo transformou a ciência espírita em **religião institucionalizada**, com dogmas, moralismo e submissão a “guias espirituais” não testados pelo método original.

7. Conclusão: Restauração da Metodologia Espírita

A mensagem central do diagrama é clara:

- Enquanto a obra de Kardec permanecer afastada como critério, o Espiritismo viverá sob o domínio da aceitação cega.
- O retorno ao método kardeciano de **exame racional, evocação crítica e universalidade do ensino dos Espíritos** é a única via de preservação do Espiritismo como ciência de observação.

O diagrama, portanto, não é apenas uma crítica histórica, mas um chamado à restauração metodológica: **sem crítica, o Espiritismo se dissolve no misticismo; com crítica, mantém sua identidade científica e filosófica.**

O Desvio do Espiritismo Após Kardec: Da França ao Brasil, e o Resgate da Autonomia

O Espiritismo, conforme codificado por Allan Kardec no século XIX, surgiu como uma **ciência filosófica com consequências morais**, não como uma religião dogmática ou uma seita. Sua base fundamental estava no **Espiritualismo Racional**, um movimento moderno que utilizava a metodologia científica para compreender o ser humano como alma encarnada e desencarnada, buscando a fé raciocinada em oposição à fé cega e ao materialismo. Essa abordagem visava a **revolução moral e a renovação social** da humanidade, pautada na moral da liberdade e da autonomia intelectual.

Kardec previu os desafios e desvios que sua obra enfrentaria, organizando preciosos arquivos para que a verdadeira história pudesse ser contada no futuro. No entanto, após sua morte em 1869, o Espiritismo sofreu um **terrível golpe** que alterou profundamente seus fundamentos, tanto na França quanto, posteriormente, no Brasil.

O Desvio na França Pós-Kardec

Logo após o desencarne de Allan Kardec, em 31 de março de 1869, o movimento espírita francês foi alvo de uma **invasão e descaracterização**. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi afastada e a **Revista Espírita** foi tomada pelos inimigos invisíveis e por mãos consideradas amigas.

Uma das manobras mais graves foi a **adulteração das obras fundamentais** de Kardec. Documentos oficiais franceses comprovam que a **quinta edição de “A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo”**, publicada em dezembro de 1872, mais de três anos após a morte de Kardec, contém mais de uma centena de modificações, supressões e adições de conteúdos. Entre as alterações mais significativas, está a **retirada da teoria da conquista progressiva do livre-arbítrio** e a **implantação da ideia de um corpo fluídico de Jesus**. Da mesma forma, **“O Céu e o Inferno”** sofreu alterações profundas em sua quarta edição (1869), publicada *post mortem*, com supressões e acréscimos que invertiam os conceitos morais sobre a justiça divina. Outras obras como **“Obras Póstumas”** e o **“Catálogo Racional”** também foram adulteradas.

Essas adulterações foram orquestradas pela **Sociedade Anônima da Caixa Geral e Central do Espiritismo**, criada após a morte de Kardec com fins lucrativos e que se apropriou dos direitos sobre as obras e a Revista Espírita.

O advogado **Jean-Baptiste Roustaing**, de Bordeaux, publicou em 1866 a obra **“Os Quatro Evangelhos”**, que se apresentava como uma “revelação da revelação”. Roustaing propunha o Espiritismo como uma **religião formal**, com dogmas como a “queda do espírito” e a reencarnação como castigo divino, além da tese de um corpo fluídico para Jesus, diametralmente oposta à doutrina de Kardec. Kardec criticou abertamente essa obra, apontando sua precipitação e suas divergências com a universalidade do ensino dos Espíritos. **Pierre-Gaëtan Leymarie**, administrador da Sociedade Anônima, desempenhou um papel crucial na divulgação das ideias roustainguistas e na adulteração das obras de Kardec.

Apesar do golpe, **pioneiros fiéis** como Amélie Boudet (esposa de Kardec), Berthe Fropro, Léon Denis, Gabriel Delanne e Henri Sausse, lutaram contra esses desvios. Eles fundaram a **União Espírita Francesa** e seu jornal, *Le Spiritisme*, para denunciar as adulterações e defender a integridade da doutrina original.

O Desvio no Brasil e a Ação de Canuto Abreu

Enquanto o roustainguismo declinava na França, ele encontrou um **terreno fértil no Brasil**. A forte tradição católica e a falta de conhecimento sistematizado de assuntos religiosos entre a população brasileira tornaram-na suscetível a uma doutrina que se apresentava como um meio-termo entre a razão de Kardec e os dogmas do Velho Mundo.

Inicialmente, a maioria dos espíritas cariocas no final do século XIX buscava aplicar o Espiritismo de acordo com os preceitos de Kardec, com uma visão moral baseada nas ciências filosóficas e na autonomia moral. No entanto, um pequeno grupo de roustainguistas, que se consideravam dissidentes da Sociedade Acadêmica, fundou a **Sociedade Espírita Fraternidade** e o **Grupo Sayão** (ou Grupo dos Humildes) no Rio de Janeiro.

A **Federação Espírita Brasileira (FEB)**, fundada em 1884, que inicialmente aludia a um caráter progressista e ao estudo das obras de Kardec, acabou sendo influenciada pelo roustainguismo. Em 1902, “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing foi preferido ao “O Evangelho segundo o Espiritismo” nas sessões de estudo da FEB, sob o argumento de ser uma “revelação completa”. A revista **“Reformador”**, que inicialmente tinha uma tendência laica e livre-pensadora, passou a ser usada para divulgar as ideias roustainguistas.

Bezerra de Menezes, após se tornar espírita, alinhou-se aos grupos roustainguistas, defendendo a ideia de que “Espiritismo é religião” e que se deveria seguir a obra de Roustaing, o que era um retrocesso em relação ao Espiritualismo Racional. Ele se tornou um patrono da FEB. A obra **“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”**, psicografada por Chico Xavier, foi utilizada pela FEB para tentar legitimar a inclusão de Roustaing como um dos missionários que auxiliaram Kardec na “organização do trabalho da fé”, o que foi contestado pela incineração de originais e por estudiosos como Herculano Pires.

O pesquisador brasileiro **Silvino Canuto Abreu** (1892-1961) teve um papel fundamental na denúncia desse desvio. Após uma profunda pesquisa na França e no Brasil, ele constatou as grandes diferenças entre as propostas humanitárias de liberdade de Kardec e o panorama religioso formal e dogmático do movimento espírita observado na FEB no início do século XX. Canuto Abreu dedicou sua vida a reunir milhares de documentos, manuscritos originais de Kardec e depoimentos

de pioneiros, que se tornaram um acervo inestimável para a recuperação da história original do Espiritismo. Suas denúncias, como o artigo inédito “O Espiritismo e as religiões” de 1934, permaneceram ocultas por 85 anos, mas eram cruciais para compreender como o “tradicionalismo retrógrado fundamentado na tradição mística” se ampliou no movimento espírita brasileiro.

O Papel do Espiritualismo Racional

O **Espiritualismo Racional** foi o contexto cultural e filosófico que preparou o caminho para o surgimento do Espiritismo na França. Ele se estabeleceu como filosofia oficial na universidade francesa após 1830, reagindo ao ceticismo materialista e ao dogmatismo religioso. Pensadores como Victor Cousin, Jouffroy e Paul Janet, que publicavam pela Livraria Acadêmica de Pierre-Paul Didier, defendiam uma **moral laica da liberdade e do dever**, baseada na concepção psicológica científica do ser humano, e lutavam por liberdades de pensamento, consciência e moral. Kardec, discípulo de Pestalozzi e já adepto do Espiritualismo Racional, classificou o Espiritismo como um **desenvolvimento do Espiritualismo Racional**.

A maioria dos espíritas da época de Kardec era proveniente do Espiritualismo Racional, já possuindo uma compreensão da autonomia moral e dos estudos psicológicos. No Brasil, entretanto, a corrente espiritualista racional, liderada por Gonçalves de Magalhães e Porto-Alegre, apesar de ter influenciado professores e estudantes, foi logo silenciada e esquecida, impedindo que o Espiritismo encontrasse o mesmo cenário favorável que na França. A falta desse alicerce tornou o movimento espírita brasileiro mais vulnerável às ideias heterônomas e dogmáticas, como o roustainguismo.

Conclusão: O Reencontro Necessário

O desvio do Espiritismo após a morte de Kardec, tanto na França quanto no Brasil, resultou na **distorção de sua natureza original como ciência filosófica e moral para uma seita religiosa com dogmas e hierarquias**. A restauração da verdade histórica e doutrinária, empreendida por pesquisadores como Canuto Abreu e Simoni Privato Goidanich, é um passo essencial para que o Espiritismo possa, de fato, cumprir sua **finalidade de elevar intelectual e moralmente a humanidade**, conforme a visão de Allan Kardec e dos Espíritos Superiores. O retorno à **fé raciocinada**, à universalidade do ensino dos Espíritos

e à moral autônoma é crucial para que a doutrina continue seu progresso e se liberte das amarras do passado.

Bibliografia

1. **Autonomia: A História Jamais Contada do Espiritismo**
 2. **Muita Luz (Beaucoup de Lumière)**, de Berthe Froppo
 3. **Mesmer: A Ciência Negada e os Textos Escondidos**
 4. **Nem Céu Nem Inferno: As Leis da Alma Segundo o Espiritismo**
 5. **O Verbo e a Carne: Duas Análises do Roustainguismo** (ou apenas **O Verbo e a Carne**)
 6. **O Legado de Allan Kardec**
 7. **Ponto Final: O Reencontro do Espiritismo com Allan Kardec**
 8. **Revolução Espírita: A Teoria Esquecida de Allan Kardec**
 9. **O Primado de Kardec**
-

Quando o Espiritismo se desfigura

O Espiritismo nasceu sob o signo da razão, da observação metódica, da comparação rigorosa e da humildade diante da verdade. Kardec deixou claro, em cada linha, que **o maior inimigo da Doutrina seria a vaidade humana, a intromissão das paixões pessoais, a contaminação por crenças místicas e a recusa em submeter as comunicações e os médiuns à crítica séria**. E, no entanto, é justamente isso que tem se infiltrado nos centros e grupos que se dizem espíritas.

Não são poucos os que transformam a mediunidade em espetáculo, que fazem de

suas percepções pessoais uma espécie de oráculo intocável, e que reagem com **melindre** a qualquer tentativa de exame. Mas é preciso repetir, sem medo: **o médium não é dono da mensagem**. O instrumento não pode confundir-se com a obra. Quando o orgulho ocupa o lugar da humildade, quando o egoísmo fala mais alto do que o dever, o Espiritismo se desfigura, tornando-se uma caricatura de si mesmo.

Mais grave ainda é a substituição do estudo sério das obras de Kardec por romances e fantasias. Muitos preferem os enredos novelescos que massageiam a imaginação, em vez de enfrentar a disciplina da leitura densa, da comparação dos fatos, da análise crítica. Assim, confundem emoção com conhecimento, espetáculo com ciência. O resultado é um espiritismo frágil, vulnerável, incapaz de resistir às críticas, incapaz de produzir frutos duradouros.

Não há ciência espírita onde não há controle, onde não há observação metódica, onde não há coragem para rejeitar o erro, por mais sedutor que pareça. Kardec advertiu que os Espíritos enganadores exploram justamente o orgulho, a credulidade e a vaidade dos homens. Onde falta vigilância e espírito crítico, é inevitável que mistificação e ilusão se instalem.

É duro reconhecer, mas necessário: o Espiritismo não se sustenta em grupos que se fecham em torno de personalismos, que não aceitam correção, que confundem autoridade moral com infalibilidade. O verdadeiro espírita, dizia Kardec, é aquele que reconhece suas próprias imperfeições e luta para combatê-las. Quando vemos exatamente o contrário — orgulho, egoísmo, melindre, vaidade — é sinal de que algo essencial se perdeu.

O Espiritismo só permanecerá fiel a si mesmo se soubermos ter a coragem de encarar esses desvios, não para apontar dedos, mas para resgatar a seriedade da Doutrina. Não se trata de ferir, mas de lembrar: se nos dizemos espíritas, é à ciência espírita que devemos fidelidade, e não às nossas preferências pessoais. **O Espiritismo não nos foi dado para ser moldado às nossas paixões**; foi-nos dado para nos libertar delas.

O que Kardec desejava para o futuro do Espiritismo: Organização, Unidade e Colaboração

Quando Allan Kardec lançou O Livro dos Espíritos em 1857, ele fundou uma nova doutrina e estabeleceu as bases para uma ciência que estuda fenômenos espirituais. Kardec visava um futuro de colaboração, alertando sobre os perigos da centralização e defendendo uma estrutura descentralizada. Descubra como suas ideias ainda ressoam e como podemos retomar esse legado para manter o Espiritismo fiel ao seu espírito científico e moral.

Análise de Comunicação Mediúnica: Dose de Ânimo - Espírito Amigo

Fazer a análise das comunicações mediúnicas recebidas é tão importante quanto recebê-las e aplicá-las. O estudo comparativo entre elas e a Doutrina Espírita faz com que as validemos ou não. Além disso, nos ajuda a entender melhor o mundo que nos cerca.

Em uma de nossas conversas com os Espíritos no mês de setembro de 2025, recebemos a seguinte comunicação de um dos Espíritos Amigos que nos auxiliam:

Pergunta: Sobre esses esforços, às vezes parece que não encontram muitas pessoas dispostas por aí. Gostaria de uma avaliação nesse sentido de como estão.

Resposta: *A calma e a resistência. Para Kardec também não foi fácil. Com todas as distorções que agora se encontram nesse mundo. Com o materialismo ainda mais pungente do que era na época de Kardec.*

As pessoas, aos poucos, com a nossa intervenção, e podem ter certeza que estamos trabalhando com relação a isso, sentirão a nossa presença. Nem que para isso tenhamos que começar da mesma forma que foi no século de Kardec. Batendo, chamando.

Temos essa necessidade urgente de recomeço. E vocês serão procurados por muitos que sofrem por não entenderem aquilo que nós queremos transmitir.

Preparem-se para essa leva de pessoas que receberão nossos estímulos de todas as formas. Porque vocês serão aqueles que abrirão as portas ao recomeço. Não se assustem com a responsabilidade. Apenas façam aquilo que vocês sabem que devem fazer. Vejam que há muitas pessoas concordando com aquilo que vocês escrevem, com aquilo que vocês falam. Esses abrirão outras portas e receberão a mesma responsabilidade.

Não há um só ser, uma só consciência, que não será questionada. Eu não queria usar a palavra perturbada, mas ela significa algo que vocês entenderão. Não existe uma só consciência que não será perturbada pelo mundo que aqui se encontra, esse mundo espiritual.

Nós estamos coordenando vários grupos. Existem outros acima de mim, moralmente superiores, que nos enviam essas mensagens e nos fazem agir para que o mundo desperte — pelo menos uma grande quantidade de pessoas desperte para essa verdade absoluta que é o mundo espiritual.

E saiam do misticismo, das incoerências, das falsas verdades que se arraigaram nessa literatura vasta que vocês têm nas estantes, nas livrarias, que chamam por títulos mirabolantes, que pensam que falam do mundo espiritual. Não percam o caminho que se abriu diante de vocês.

Desejo que todos sejam a luz de Deus. Aquilo que digo desde sempre, comunico com vocês. Propaguem essa luz. Sejam, sim, a luz de Deus. Porque aqui todos nós somos a luz de Deus.

— Espírito Amigo

Todos: Muito obrigado. Que boa dose de ânimo.

A mensagem deste Espírito Amigo apresenta diversos pontos que encontram ressonância e elucidação nas obras de Allan Kardec, especialmente no que tange à natureza da comunicação espiritual, a propagação do Espiritismo e a responsabilidade dos encarnados nesse processo.

Vamos analisar a mensagem deste Espírito ponto a ponto, à luz dos ensinamentos da Doutrina Espirita:

1. “As pessoas, aos poucos, com a nossa intervenção, e podem ter certeza que estamos trabalhando com relação a isso, sentirão a nossa presença.”

- Esta afirmação está **plenamente alinhada** com o que Kardec e os Espíritos Superiores ensinam. Os Espíritos agem incessantemente sobre nós, muitas vezes sem o nosso conhecimento, quer sejamos espíritas ou médiuns. Eles formam uma população inquieta que pensa e age sem cessar, influenciando-nos para o bem ou para o mal. O Espiritismo revela esse mundo invisível e sua ação sobre o mundo visível. Os Espíritos Superiores têm uma missão de presidir à regeneração da Humanidade e dirigem os trabalhos, mesmo sem estarem encarnados. Portanto, a ideia de que os Espíritos trabalham ativamente para tornar sua presença sentida é um pilar da doutrina.

2. “Nem que para isso tenhamos que começar da mesma forma que foi no século de Kardec. Batendo, chamando. Temos essa necessidade urgente de recomeço.”

- Aqui, o Espírito se refere às **manifestações físicas ostensivas**, como os fenômenos de mesas girantes e ruídos, que foram os primórdios do Espiritismo. Kardec reconhece que essas manifestações, embora superficiais, tiveram sua utilidade. Elas serviram como um “vestíbulo da ciência”, um meio inicial para convencer as pessoas da existência dos Espíritos. O próprio Kardec menciona que “quem faz dançarem os macacos pelas ruas? Serão os homens superiores?” questionando a origem de tais manifestações mais simples, mas admitindo que “têm sua

utilidade, porque talvez mais que qualquer outra podem servir para convencer os homens de hoje”. Os Espíritos instrutores, entretanto, logo direcionaram o foco para a **filosofia e a moral**, indicando que a força do Espiritismo reside na razão e no bom senso, não apenas nos fenômenos materiais. Assim, a “necessidade urgente de recomeço” através de fenômenos físicos pode ser vista como uma estratégia para chamar a atenção dos **incrédulos**, um passo inicial para despertar a curiosidade e, em seguida, conduzir ao estudo sério da doutrina.

3. “E vocês serão procurados por muitos que sofrem por não entenderem aquilo que nós queremos transmitir. Preparem-se para essa leva de pessoas que receberão nossos estímulos de todas as formas. Porque vocês serão aqueles que abrirão as portas ao recomeço.”

- Essa previsão do Espírito está **muito de acordo** com os propósitos do Espiritismo e a experiência relatada por Kardec. A doutrina visa consolar os que sofrem, levantar a coragem dos abatidos e arrancar o homem de suas paixões e do desespero. O Espiritismo, por sua lógica e capacidade de explicar o que outras filosofias não conseguem, atrai aqueles que buscam a verdade e a consolação. Os médiuns, ao serem intérpretes dos Espíritos, cumprem a missão de instruir os homens e conduzi-los à fé. A propagação do Espiritismo muitas vezes ocorre porque ele “dá o que não dão as outras filosofias”. A mensagem também reflete a ideia de que os adeptos, uma vez esclarecidos, têm a **missão de espalhar a luz** ao seu redor, sem impor, mas sim oferecendo explicações aos que as buscam de boa-fé.

4. “Não se assustem com a responsabilidade. Apenas façam aquilo que vocês sabem que devem fazer. Vejam que há muitas pessoas concordando com aquilo que vocês escrevem, com aquilo que vocês falam. Esses abrirão outras portas e receberão a mesma responsabilidade.”

- A responsabilidade é um tema recorrente na doutrina espírita. Os médiuns, sendo favorecidos com a faculdade mediúnica, são lembrados de que serão “severamente punidos” se a desviarem de seu objetivo moral. A propagação das ideias espíritas implica o “dever de prática” e de honrar a

doutrina pelas obras. A concordância de ideias e o testemunho público são sinais de que a doutrina está tocando corações e mentes, validando o trabalho dos médiuns. A multiplicação de grupos e a adesão de pessoas que leram e compreenderam são vitais para a propagação, e esses novos adeptos também assumem a responsabilidade de espalhar a luz, como “apóstolos”.

5. “Não há um só ser, uma só consciência, que não será questionada. Eu não queria usar a palavra perturbada, mas ela significa algo que vocês entenderão. Não existe uma só consciência que não será perturbada pelo mundo que aqui se encontra, esse mundo espiritual.”

- Esta observação do Espírito Comunicante é **profundamente condizente** com a visão espírita da interação constante entre os dois mundos. O “mundo espiritual” que nos cerca, invisível, exerce uma ação contínua sobre nós, moral e fisicamente. Os Espíritos não são passivos; eles pensam e agem incessantemente, influenciando-nos. Essa influência, mesmo dos bons Espíritos, é um estímulo à nossa consciência, levando-nos a refletir e a progredir. A “perturbação” pode ser interpretada não como algo necessariamente negativo (como uma obsessão), mas como um **despertar da consciência** para a realidade espiritual, que desafia as ideias materialistas e as certezas antigas. O Espiritismo é justamente essa luz que aclara os recônditos da sociedade e perturba as trevas da incredulidade. É um “facho de luz” que dissipa o materialismo.

6. “Nós estamos coordenando vários grupos. Existem outros acima de mim, moralmente superiores, que nos enviam essas mensagens e nos fazem agir para que o mundo desperte. Pelo menos uma grande quantidade de pessoas desperte para essa verdade absoluta que é o mundo espiritual.”

- Esta parte da mensagem **reforça a estrutura hierárquica e organizada do mundo espiritual**, tal como descrito por Kardec. Os Espíritos ensinam que há uma diversidade de conhecimentos e qualidades morais entre eles. Existem Espíritos de diferentes ordens, desde os “simples, ignorantes que são” até os “superiores”, que podem dar instruções. O

“Espírito de Verdade” é um dos guias principais, e há grandes Espíritos que receberam missão de presidir à regeneração da Humanidade. A coordenação de grupos e a recepção de mensagens de Espíritos moralmente superiores são características do trabalho sério no Espiritismo. O objetivo final é o aperfeiçoamento do homem moral e a destruição do materialismo, levando a Humanidade a reconhecer a verdade absoluta que é o mundo espiritual. A multiplicação dos grupos e a propagação da doutrina são meios para atingir esse despertar global.

7. “E saiam do misticismo, das incoerências, das falsas verdades que se arraigaram nessa literatura vasta que vocês têm nas estantes, das livrarias, que chamam por títulos mirabolantes, que pensam que falam do mundo espiritual.”

- **Crítica ao misticismo e às falsas verdades:** Kardec sempre enfatizou que o Espiritismo não é uma crença cega, mas uma doutrina que apela à **razão e ao bom senso**. Ele adverte contra a prática do Espiritismo que se desvia de seu objetivo moral, caindo na curiosidade estéril. A doutrina fala uma linguagem clara, **sem ambiguidades e sem misticismo** ou alegorias suscetíveis a falsas interpretações, pois “chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade”.
- **Incoerências e contradições:** os próprios Espíritos instrutores, citados por Kardec, alertam que se encontrará **contraditores encarniçados** e mesmo **Espíritos que procuram semear a dúvida por malícia ou ignorância**. Há Espíritos com ideias limitadas e outros que julgam saber tudo e tudo querem explicar à sua maneira, gerando opiniões dissidentes. Por isso, o Espiritismo ensina que **as comunicações devem ser submetidas ao crivo da lógica e da razão**, e que não se deve aceitar cegamente tudo o que vem dos Espíritos, pois eles dizem o que sabem e nem sempre possuem a verdade absoluta. Kardec, ao codificar, baseou-se na **concordância universal dos ensinamentos** dos Espíritos, obtida através de múltiplos médiuns em diversas regiões ao mesmo tempo, como a única garantia séria contra as contradições e sistemas parciais.
- **“Literatura vasta que vocês têm nas estantes, das livrarias, que chamam por títulos mirabolantes”:** Isso reflete a preocupação com a

proliferação de obras que, embora se apresentem como espíritas, podem conter extravagâncias ou serem fruto de obsessão, prestando-se ao ridículo e **dando armas aos inimigos da causa**. Kardec alertava para o perigo de divulgar levemente comunicações apócrifas ou que, por sua inferioridade, não contribuem para o esclarecimento. O verdadeiro saber e a verdadeira virtude não podem ser imitados pela ignorância e pelo vício.

8. “Não percam o caminho que se abriu diante a vocês.”

- **O “caminho” do Espiritismo:** Para Kardec, o Espiritismo é um caminho de **esclarecimento e progresso moral**, com a missão de **combater a incredulidade e suas funestas consequências**, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura. Ele se apresenta como um **poderoso auxiliar**, confirmando suas verdades fundamentais e explicando o que o Cristo não pôde dizer em seu tempo porque a Humanidade não estava madura para compreender.
- **Perder o caminho:** Implicaria desviar-se dos **princípios da verdadeira caridade** e do **desinteresse pessoal**, ou da busca pelo aprimoramento moral. Os médiuns, por exemplo, são advertidos de que, se desviarem a mediunidade de seu objetivo moral, serão severamente punidos. A ênfase é em tornar-se melhor, pois o único meio de avançar é o de tornar-se melhor.

9. “Desejo que todos sejam a luz de Deus. Aquilo que digo desde sempre, comunico com vocês. Propaguem essa luz. Sejam, sim, a luz de Deus. Porque aqui todos nós somos a luz de Deus.”

- **Ser e propagar a “luz de Deus”:** Esta é a **missão fundamental** dos espíritas e da própria doutrina. Os Espíritos Superiores são os **ministros de Deus** e agentes de Sua vontade, com a missão de instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade. Os adeptos são chamados para pregar a palavra divina. Eles devem regar com seu suor o terreno onde semeiam, pois a doutrina só frutificará sob os esforços incessantes.
- **“Todos nós somos a luz de Deus”:** Essa afirmação sublinha a visão

espírita de que **todos os homens são médiuns** em potencial, possuindo um **Espírito familiar que os dirige para o bem, mesmo que não o percebam conscientemente**. A elevação moral e intelectual é o destino de todos os Espíritos, e o conhecimento espírita é um meio de nos aproximar da Divindade. A doutrina busca despertar nos homens o amor ao bem pela prática dos preceitos de Jesus. A fé raciocinada que o Espiritismo proporciona multiplica o número dos chamados.. O progresso da Humanidade depende da compreensão e aplicação dessa luz, transformando a sociedade.

Em suma, a mensagem deste Espírito ecoa a voz dos Bons Espíritos Esclarecidos que, desde a Codificação, exortam os homens a sair da ignorância e do erro, a abraçar uma fé raciocinada, e a se tornarem ativos propagadores da verdade e da caridade, pois é através da melhoria individual e da união fraterna que a Humanidade alcançará seu progresso moral.

Evocações e Reuniões Mediúnicas: Fundamentos Científicos Segundo Allan Kardec

Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, dedicou-se a observar, examinar e sistematizar os fenômenos mediúnicos com rigor científico. Em suas obras - como *O Livro dos Médiuns*, *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* e os inúmeros relatos da *Revista Espírita* - Kardec descreve a prática das evocações de Espíritos e das reuniões mediúnicas como verdadeiros **laboratórios de pesquisa psíquica**. Neste artigo, exploramos como Kardec implementou essas práticas de forma racional, controlada e metódica no desenvolvimento da ciência espírita. Também contrastaremos essa abordagem com certas posturas do movimento espírita contemporâneo, que frequentemente condenam a evocação e adotam uma atitude mais passiva e acrítica em relação à mediunidade, inclusive

desencorajando seu exercício no lar. Veremos como tais posturas modernas contrastam com os fundamentos metodológicos da ciência espírita estabelecidos por Kardec.

Kardec e a Prática Racional das Evocações de Espíritos

Desde os primórdios do Espiritismo, evocar Espíritos era uma prática comum e plenamente aceita por Kardec quando realizada com **seriedade e propósitos elevados**. Kardec refutou a ideia de alguns de seus contemporâneos de que seria melhor nunca chamar um Espírito específico e apenas aguardar comunicações espontâneas. Essa visão “passiva”, segundo ele, era equivocada. Sem a evocação direcionada, abria-se espaço para que qualquer Espírito presente (muitas vezes Espíritos inferiores, ávidos por se manifestar) tomasse a palavra, criando potencial **confusão e mistificação**. “O apelo direto feito a um determinado Espírito é um laço entre ele e nós”, explicava Kardec, “e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos”. A experiência demonstrava que a evocação deliberada de um Espírito conhecido ou determinado era **preferível**, garantindo mais controle e segurança quanto à identidade do comunicante.

Kardec não via a evocação como um ritual místico, mas como um **convite respeitoso** e fundamentado. Não havia fórmulas mágicas: bastava **chamar o Espírito em nome de Deus**, com seriedade e respeito, dizendo por exemplo: “Rogo a Deus Todo-Poderoso que permita ao Espírito de [Fulano] comunicar-se conosco”. Se o Espírito pudesse atender, normalmente haveria uma resposta imediata afirmativa ou indicativa de sua presença. Muitas vezes Kardec observou a surpreendente prontidão com que um Espírito evocado pela primeira vez comparecia, como se já estivesse **prevenido pelo pensamento antecipado do evocador**. Ele explica que nossos próprios guias espirituais ou Espíritos familiares se encarregam de “preparar o caminho” para a comunicação, podendo até “ir buscar” o Espírito chamado. Em alguns casos, se o Espírito não puder vir de imediato, um mensageiro espiritual informa um prazo (minutos, horas ou dias) após o qual o comunicante estará presente.

Importa notar que, segundo Kardec, **qualquer Espírito, de qualquer grau evolutivo, poderia ser evocado** - desde os Bons Espíritos até os Espíritos imperfeitos; pessoas falecidas recentemente ou figuras da antiguidade; sábios

ilustres ou entes queridos anônimos. Isso ampliava enormemente o campo de investigação da nascente ciência espírita. Evidentemente, ele alerta que nem sempre o Espírito estará em condições ou terá permissão superior para atender; podem existir impedimentos ou recusas, conforme a vontade do Espírito ou determinação de ordens mais elevadas. Ainda assim, o princípio era claro: **não há proibição intrínseca** a evocar Espíritos “sofredores” ou de baixa condição – pelo contrário, essas comunicações, se conduzidas com seriedade e fim edificante, servem ao estudo e até à caridade espiritual. Kardec inclusive menciona a possibilidade de evocar o **Espírito de pessoas vivas** (encarnadas), em estado de desprendimento pelo sono, embora essa prática exija prudência e não deva ser feita levianamente. Em suma, a evocação para Kardec era uma ferramenta legítima de pesquisa e intercâmbio: um **diálogo evocativo, consciente e respeitoso**, visando sempre a instrução moral e intelectual.

Reuniões Mediúnicas como “Laboratórios” de Fenômenos Inteligentes

Kardec organizou as sessões mediúnicas com o mesmo cuidado de um cientista montando um experimento em laboratório. As **reuniões mediúnicas** sérias eram conduzidas com método, disciplina e objetivos definidos de estudo. Em *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, ele enfatiza que tais reuniões devem revestir-se de **caráter grave e elevado**. Grupos que buscavam apenas diversão ou curiosidade ficavam “entregues a si mesmos” – nelas os assistentes pedem futilidades (adivinhação de futuro, questões banais) e inevitavelmente serão atendidos por Espíritos zombeteiros, obtendo respostas levianas. O perigo dessas reuniões frívolas, Kardec alerta, é que pessoas inexperientes podem tomar como sérias as brincadeiras de Espíritos inferiores, formando uma ideia distorcida do mundo espiritual. Por isso, **silêncio, recolhimento e regularidade** eram condições primordiais nas sessões espíritas dedicadas à pesquisa. As reuniões deviam ocorrer em dias e horários fixos, de preferência uma ou duas vezes por semana, para que mesmo os Espíritos comunicantes se programassem e comparecessem pontualmente. Kardec observa que muitos Espíritos tornam-se “frequentadores assíduos” de um grupo sério e regular, a ponto de cobrarem atrasos dos encarnados e só iniciarem a comunicação na hora habitual. Essa assiduidade permitia um acompanhamento contínuo e **progressos cumulativos** nos estudos, já que certos Espíritos instrutores assumiam papel de orientadores

constantes.

Nas reuniões bem conduzidas, Kardec via a aplicação prática do **método científico** ao mundo espiritual. Cada sessão era registrada, as comunicações anotadas e posteriormente comparadas com outras obtidas em circunstâncias diferentes. Na *Revista Espírita*, ele publicou inúmeras “**conversas de além-túmulo**”, transcrevendo diálogos com Espíritos de diversas categorias – desde pessoas comuns recém-falecidas até nomes célebres como Mozart, Bernard Palissy ou Luis XI. O objetivo não era entretenimento, mas **observação sistemática** dos Espíritos em diferentes situações, colhendo dados para deduzir leis gerais. Por exemplo, Kardec acompanhou o caso de Espíritos logo após a morte e depois de algum tempo, “seguindo-os passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operaram neles, em suas ideias, em suas sensações”. Esse acompanhamento permitiu estudar a evolução moral dos Espíritos, suas expiações e progressos, tal como um biólogo observaria a transformação de um organismo ao longo do tempo.

A *Revista Espírita* serviu como repositório desses **relatórios de sessões e comunicações**, permitindo a Kardec e aos leitores identificar padrões e verificar a consistência dos ensinamentos espirituais. Em uma introdução a um diálogo mediúnico publicado, Kardec ressalta a “**concordância perfeita**” entre as respostas obtidas do Espírito de Mozart e as dadas por outros Espíritos, em épocas e lugares diferentes, inclusive informações contidas em *O Livro dos Espíritos*. Ele chama a atenção do leitor para essa semelhança, sugerindo que dali se tire a devida conclusão – ou seja, a convergência de mensagens através de diferentes médiuns e contextos reforçava a *validade objetiva* dos ensinamentos, tal qual resultados replicados em diversos laboratórios fortalecem uma teoria científica. Essa abordagem comparativa, buscando **controle cruzado das comunicações**, era central no **método kardeciano** de pesquisa.

Outra condição fundamental era a **qualidade das perguntas e do ambiente mental** dos participantes. Kardec elogiava quando as questões eram formuladas “com ordem, clareza e precisão, sem se afastar da linha séria”, pois isso criava a condição essencial para obter boas comunicações. Espíritos elevados acorrem naturalmente a grupos sérios, genuinamente interessados no saber e no bem, ao passo que “os Espíritos levianos se divertem com as pessoas frívolas”. Vemos aqui um retrato claro das sessões como **laboratórios morais**: a “atmosfera” criada pelas intenções elevadas funciona como reagente que atrai Inteligências

superiores, enquanto ambientes de leviandade sintonizam apenas com entidades de baixo teor. Além disso, Kardec recomendava que as **perguntas aos Espíritos seguissem um encadeamento lógico**, uma sequência natural de ideias, em vez de assuntos aleatórios e desconexos. “É essencial que elas se encadeiem com método, decorrendo naturalmente umas das outras”, pois assim “os Espíritos respondem com muito mais facilidade e clareza” do que se fossem interrogados ao acaso. Essa orientação lembra a condução de uma entrevista científica ou interrogatório racional, maximizando a coerência das revelações obtidas.

Em termos de infraestrutura, Kardec desmistificou quaisquer requisitos supersticiosos. **Não havia lugares ou horários “mágicos”** para a comunicação mediúnic: podia-se realizar uma reunião a qualquer dia e hora conveniente, desde que em ambiente propício ao recolhimento, longe de distrações. “Não há lugares especiais e misteriosos para as reuniões espíritas”, ele escreveu; deve-se até *evitar* lugares que impressionem excessivamente a imaginação. **Bons Espíritos vão a toda parte onde haja um coração puro que os convoque para o bem**, enquanto os maus Espíritos “não têm predileção senão pelos locais onde encontram simpatias”. Cemitérios ou locais assombrados, por exemplo, não possuem influência automática - o que importa é a sintonia moral dos participantes e não o cenário físico. Essa orientação evidencia que **qualquer local adequado, inclusive um lar modesto, pode sediar uma reunião mediúnica séria**, desde que haja respeito e elevação de propósitos.

Método e Controle Crítico na Ciência Espírita de Kardec

O desenvolvimento da ciência espírita por Kardec caracterizou-se por um **rigor metodológico exemplar**, que combinava observação empírica com raciocínio lógico. Em *O Livro dos Médiuns*, ele expõe detalhadamente os meios de comunicação com o mundo invisível, os diferentes tipos de médiuns e fenômenos, bem como os obstáculos e perigos na prática espírita. Kardec adotava um **método de controle rigoroso** das comunicações espirituais: ele somente acolhia os ensinamentos dos Espíritos quando estes **faziam sentido à luz da razão** e mostravam-se coerentes entre si. Conforme destaca J. Herculano Pires, Kardec submetia as explicações espirituais a um crivo racional, alinhado com a metodologia científica, e descartava tudo que fosse contraditório ou absurdo. Essa

postura crítica impediu que o Espiritismo degenerasse em credence ou misticismo cego - desde o início foi pensado como uma ciência de observação, em que hipóteses sobre a realidade espiritual deveriam ser testadas, comparadas e **validadas por múltiplas evidências independentes**.

Uma das grandes preocupações de Kardec era **distinguir a verdade do erro** nas mensagens mediúnicas. Ele sabia que nem todas as comunicações provinham de fontes fidedignas - existiam Espíritos ignorantes ou maliciosos capazes de enganar os incautos, bem como os próprios médiuns poderiam interferir, consciente ou inconscientemente. Por isso, o codificador e os Espíritos superiores constantemente recomendavam: **“ submetamos todas as comunicações ao controle da razão e da lógica ”**. Nada devia ser aceito cegamente. Essa recomendação permanece atual e é uma das pedras angulares do **método kardeciano**. Quando surgiam contradições ou afirmações duvidosas, Kardec não hesitava em questionar novamente o Espírito comunicante, fazer novas evocações sobre o mesmo tema e até consultar outros grupos e médiuns, até formar uma convicção embasada. *O Livro dos Médiuns* traz capítulos específicos sobre **mistificações e contradições**, ensinando a identificar comunicações apócrifas e a lidar com Espíritos trapaceiros. Kardec orienta, por exemplo, que se deve **“ empurrar o Espírito a mostrar seu lado fraco ”**: espíritos pseudo-sábios não conseguem sustentar por muito tempo um discurso elevado sem se traírem, caso sejam pressionados com perguntas aprofundadas ou tenham que manter a coerência em sucessivas mensagens. Ele também adverte os médiuns quanto à fascinação - a cegueira em relação às próprias comunicações - e insiste que a **experiência e o estudo prévio** são as melhores salvaguardas contra o engano espiritual.

Essa postura eminentemente **crítica e investigativa** contrasta com qualquer passividade. Kardec via o médium e o grupo como parte ativa do processo: cabia-lhes filtrar, analisar e questionar os Espíritos comunicantes, tal qual cientistas diante de resultados experimentais. **Credulidade e ceticismo extremos eram igualmente combatidos** por ele. No primeiro número da *Revista Espírita*, Kardec afirma que o propósito daquela publicação era manter o público informado “dos progressos desta ciência nova” e também **preveni-lo contra os exageros da credulidade, tanto quanto contra o ceticismo**. Ou seja, o Espiritismo nascente deveria trilhar um caminho equilibrado, alicerçado em fatos e na razão, evitando tanto a crença ingênua em qualquer espírito enganador

quanto a descrença teimosa que se recusa a examinar as evidências. Essa mentalidade aberta porém exigente é o que conferiu ao Espiritismo o caráter de **ciência moral**: investigam-se fenômenos inteligentes com os instrumentos da lógica, da ética e do consenso universal dos ensinamentos dos Espíritos superiores.

Contrastes com a Prática Espírita Contemporânea

Passados mais de 160 anos, o movimento espírita - especialmente em alguns países como o Brasil - consolidou-se como referência em ética e caridade, porém nem sempre mantém práticas alinhadas integralmente com o **espírito investigativo kardeciano**. Observam-se, por exemplo, diferenças marcantes quanto ao tema das evocações e ao uso crítico da mediunidade, resultando em uma postura frequentemente mais **passiva e conservadora** diante dos fenômenos. A seguir, comparamos alguns pontos-chave:

- **Evocação de Espíritos:** Kardec normalizava e incentivava a evocação dirigida de Espíritos para fins sérios de estudo ou auxílio mútuo, como vimos. No movimento espírita contemporâneo, porém, tornou-se quase um **tabu “evocar” Espíritos** por nome. Muitos centros espíritas ensinam médiuns a *não chamar* nenhum Espírito específico, argumentando que se deve deixar que apenas Espíritos autorizados se manifestem espontaneamente. Essa diretriz bem-intencionada busca evitar fraudes ou obsessões, mas acaba contrariando a orientação original de Kardec. Segundo ele, abstendo-se de evocar alguém em particular, “abre-se a porta a todos os [Espíritos] que desejam entrar” - ou seja, justamente os intrusos. A recomendação de Kardec era oposta: **convidar nominalmente** um Espírito elevado ou familiar específico, em nome do bem, cria um vínculo e dificulta a interferência de mistificadores. A prática moderna de apenas orar genericamente e esperar comunicações passivas pode, ironicamente, deixar o grupo *mais vulnerável* à ação de Espíritos inferiores, ao contrário do que se presume. Além disso, abdicar das evocações **empobrece o conteúdo** das reuniões: Kardec demonstrou ser possível entrevistar Espíritos sobre temas profundos (como na conversa com Mozart, onde se discutem questões de mediunidade e

imortalidade) e assim enriquecer o conhecimento espírita. Hoje, essa postura investigativa muitas vezes cede lugar a mensagens espirituais genéricas, aceitas sem maior questionamento.

- **Atitude Crítica versus Passividade:** Outra diferença notável está na maneira de encarar as comunicações mediúnicas. Kardec inculcava nos grupos e médiuns a necessidade do **discernimento contínuo**, do exame racional de cada mensagem. Ele próprio, ao dirigir a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, agia como um moderador crítico, debatendo com os Espíritos comunicantes, refutando erros doutrinários e até **corrigindo Espíritos mistificadores publicamente** (casos bem documentados na *Revista Espírita*). Em contrapartida, é comum no movimento atual uma certa **resignação acrítica** diante das comunicações atribuídas a Espíritos benfeitores. Muitos centros adotam a orientação de que o médium não deve duvidar ou interferir na mensagem enquanto a transmite - o que é correto do ponto de vista da passividade necessária na psicografia/psicofonia - porém, após recebida a mensagem, raramente se promove um estudo crítico do conteúdo. Mensagens assinadas por Espíritos venerados são prontamente aceitas e divulgadas, mesmo quando trazem elementos questionáveis ou contradições sutis com a Codificação. Este **abafamento do espírito crítico** contrasta com o conselho direto dos Espíritos superiores de ontem e de hoje: “não vos esqueçais de submeter todas as comunicações ao crivo da razão; **é melhor rejeitar nove verdades do que aceitar uma única falsidade**” - máxima muitas vezes reiterada nas obras básicas. Kardec mostrava que respeito aos Espíritos não implica credulidade cega; ao contrário, a **verdadeira fé raciocinada** exige análise e verificação. Assim, a postura contemporânea, por prudência ou mesmo comodismo, tende a **supervalorizar a passividade** (como se toda contestação fosse falta de humildade), enquanto o método kardeciano enfatizava a *participação inteligente* do investigador encarnado no diálogo com o além.
- **Exercício da Mediunidade no Lar:** Um ponto de divergência prático-teórica diz respeito ao **ambiente adequado para a mediunidade**. No movimento atual, consolidou-se a ideia de que a mediunidade deve ser exercida preferencialmente (ou exclusivamente) no centro espírita, nunca no lar. Muitos alegam que reuniões mediúnicas domésticas seriam arriscadas, por falta de orientação de doutrinadores experientes ou por supostamente atrair más influências sem “proteção” institucional.

Novamente, a leitura das obras de Kardec mostra uma perspectiva diferente. Já em 1858, ele observava que os fenômenos espíritas se propagavam com rapidez justamente porque **qualquer família podia ter o seu médium** e realizar comunicações em seu círculo íntimo, assim como ocorria com os sonâmbulos no magnetismo. “Se [os fenômenos] não se produzem à luz do dia, publicamente, ninguém pode opor-se a que tenham lugar na intimidade”, escreveu Kardec, concluindo que é impossível impedir *qualquer pessoa* de ser médium. De fato, muitas comunicações importantes vieram de pequenos grupos familiares ou de amigos, antes mesmo da fundação de sociedades espíritas oficiais. O próprio surgimento de *O Livro dos Espíritos* deve-se às sessões caseiras na casa da família Baudin, onde Kardec iniciou seus estudos. Em nenhum momento Kardec “proíbe” a prática mediúnica domiciliar - o que ele faz é recomendar que, seja no lar ou numa sociedade, observe-se o mesmo rigor de seriedade, com ambiente moral saudável, oração e estudo. Como já citado, não é o local físico em si que determina a qualidade da comunicação, mas sim as **condições morais e fluídicas**. **Bons Espíritos afluem onde quer que haja sinceridade e elevação**, seja numa instituição formal ou em torno de uma mesa humilde na sala de jantar. Por outro lado, Espíritos perturbadores aproveitarão qualquer brecha de invigilância, mesmo que a pessoa esteja num centro aclamado. Logo, a alegação moderna de que “mediunidade no lar” é inviável não encontra respaldo nos fatos e princípios deixados por Kardec - ao contrário, ele documentou fenômenos ocorridos nos mais diversos lugares e não exigiu uma “igreja espírita” para validá-los. Claro, há vantagens em grupos maiores e orientadores experientes, mas isso não significa que a mediunidade deva ser confinada às instituições. A ciência espírita nasceu **no seio de reuniões livres e estudiosas**, e não seria coerente convertê-la em monopólio de ambientes controlados.

Em resumo, o contraste se estabelece assim: Kardec legou um **Espiritismo dinâmico, experimental e esclarecedor**, enquanto certos segmentos do Espiritismo atual, talvez por zelo ou influência do misticismo religioso, acabam por frear o ímpeto investigativo, adotando práticas excessivamente cautelosas. Vale lembrar que Kardec e os Espíritos superiores previam essa possibilidade. Na *Revista Espírita*, São Luís (guia espiritual da Sociedade de Paris) alertou que os

Espíritos elevados não comparecem a **reuniões fúteis**, mas também não proíbem Espíritos inferiores de irem a reuniões sérias – estes muitas vezes ficam calados, “como os estouvados numa reunião de sábios”, acabando por aprender com os ensinamentos ali dados. Ou seja, até mesmo a **presença de Espíritos menos adiantados** numa sessão bem conduzida pode ter utilidade, seja pedagógica (para eles) ou esclarecedora (para nós, ao estudarmos seus depoimentos). Condenar aprioristicamente toda evocação ou toda tentativa de diálogo investigativo com Espíritos, sob pretexto de que “só os ignorantes viriam”, é desprezar uma fonte valiosa de conhecimento e auxílio. Foi dialogando com criminosos desencarnados, suicidas arrependidos, crianças desencarnadas, sábios da antiguidade, etc., que Kardec colheu material para obras como *O Céu e o Inferno* e enriqueceu a compreensão espírita da justiça divina. A ciência espírita, para ele, **não temia encarar nenhum aspecto da realidade espiritual**, desde que armada com a fé raciocinada e a moral do Evangelho.

Conclusão

As evocações e reuniões mediúnicas, tal como sistematizadas por Allan Kardec, foram alicerces do Espiritismo enquanto ciência em desenvolvimento. Kardec demonstrou que é possível abordar os fenômenos espirituais com **seriedade, método e espírito crítico**, extraíndo deles ensinamentos morais profundos e conhecimentos sobre a natureza da alma. As evocações de Espíritos, longe de serem práticas supersticiosas, eram realizadas de forma racional e **controlada**, visando estudar casos e testemunhos do além-túmulo para confrontá-los entre si e com a razão. As reuniões mediúnicas atuavam como **laboratórios experimentais**, onde hipóteses eram testadas em repetidas comunicações, sob observação rigorosa e registro detalhado dos fatos. Dessa maneira, Kardec e seus colaboradores puderam erigir um corpo de conhecimento espírita coerente, que resiste ao escrutínio crítico até os dias de hoje.

Contemporaneamente, ao reexaminar os fundamentos metodológicos legados por Kardec, o movimento espírita é convidado a reencontrar esse equilíbrio entre **fé e razão, entusiasmo e prudência**. Evocar Espíritos com respeito, dialogar com eles de forma inteligente, educar médiuns e participantes para a análise lúcida das mensagens – tudo isso faz parte da **herança kardeciana**. Rejeitar sumariamente tais práticas pode empobrecer o Espiritismo, reduzindo-o a uma repetição passiva de verdades já conhecidas. Por outro lado, **reviver o espírito**

investigativo de Kardec não significa temeridade ou desrespeito, mas sim fidelidade à proposta original de um Espiritismo que é ao mesmo tempo ciência de observação, filosofia racional e religião à luz do Cristo. Como Kardec bem disse, “fora da caridade não há salvação” - mas também ensinou, com o exemplo, que *fora do estudo e do método não há progresso seguro*. Cabe-nos, portanto, honrar esse legado, unindo o coração e o intelecto na continuidade da grande pesquisa espírita sobre o destino humano e as leis do Universo espiritual.

Fontes: Obras de Allan Kardec - *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* (1858); *O Livro dos Médiuns* (1861); *Revista Espírita* (1858-1861).